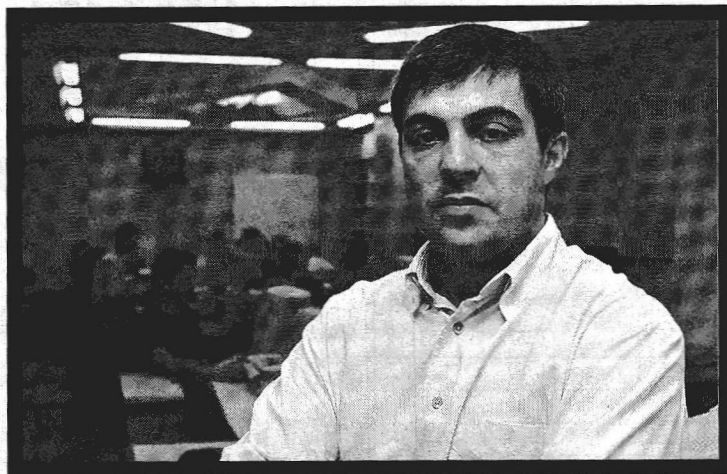


Cresce pressão sobre o Banco Central

A proximidade da próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para os dias 6 e 7 de março, reforçará a pressão sobre o Banco Central, principalmente por setores do governo que querem a troca de diretores da instituição. O argumento será o de que a queda da inflação, o novo recuo do dólar e o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) em 2006 abriram espaço para a retomada de cortes de 0,5 ponto percentual da taxa básica de juros (Selic). Na primeira reunião deste ano, em janeiro, o Copom diminuiu a velocidade de queda da Selic para 0,25 ponto, frustrando as expectativas do ministro da Fazenda, Guido Mantega, e do presidente Lula, que apostavam em maior ousadia do BC.

Apesar de, tecnicamente, haver espaço para redução de 0,5 ponto da Selic na semana que vem, a grande maioria dos especialistas não acreditam em mudanças na postura do BC. "Qualquer corte nos juros acima de 0,25 ponto será visto pelo mercado como um sinal de que o Copom cedeu às pressões políticas. Com isso, a credibilidade do BC será arranhada", dis-



PADOVANI, DO BANCO WESTLB: CREDIBILIDADE DO BC ESTÁ EM PERIGO

se o economista Ivo Chermont de Vasconcellos, do Banco Modal. "O BC está sob um tiroteio danado, com fortes boatos sobre troca de diretores. Mudanças na condução da política monetária agora, seriam vistas como o fim da autonomia da instituição", destacou.

Na opinião do Roberto Padovani, economista-chefe do Banco WestLB, a manutenção da credibilidade do BC, que tem sido fundamental para a inflação se manter

sob controle e abaixo do centro da meta definida pelo governo, está a perigo. "Não é aconselhável mudar o ritmo de queda da Selic em meio à tanta pressão", frisou. Ontem à noite, Meirelles e o diretor de Política Monetária do BC, Rodrigo Azevedo, reuniram-se com o ministro da Fazenda. Ao final do encontro, o presidente do BC disse que foi uma conversa de rotina e classificou como rumor a possibilidade de troca de diretores. (VN)

USO DE CHEQUE ELEVAVAT JUIROS

As tradicionais dívidas de início de ano, como o Imposto sobre Propriedade Territorial Urbana (IPTU) e as matrículas escolares, empurraram os brasileiros para o cheque especial, a modalidade de crédito mais cara do mercado — juros de 141,9% ao ano. O uso dessa linha de financiamento cresceu 13,2% em janeiro, quase dez vezes o aumento (1,4%) do volume total de crédito concedido pelo sistema financeiro às pessoas físicas. Com a demanda maior pelo cheque especial, as taxas médias de juros cobradas dos correntistas subiu 0,4 ponto percentual, para 40% ao ano. Segundo o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, nos primeiros oito dias úteis de fevereiro, as taxas às pessoas físicas recuaram 0,5 ponto percentual. (VN)